

RESENHA

ESCUELAS CLÁSICAS DEL PENSAMIENTO ANTROPOLÓGICO¹

Eduardo Restrepo

Dana Milena Chávarro Bermeo^{2*}

O livro *Escuelas clásicas del pensamiento antropológico* (2016) constitui uma síntese da importante contribuição do colombiano Eduardo Restrepo a revisão apropriada do pensamento antropológico numa linha de reflexão onde se cruzam os estudos culturais, a crítica descolonial e o pensamento antiutilitarista. O autor é doutor em antropologia pela Universidade da Carolina do Norte - Chapel Hill, fundador da Rede de Antropologias do Mundo (RAM)³, é presidente da Associação Latino-americana da Antropologia (ALA), integrante do Centro do Pensamento Latino-americano Raiz-AL e coordenador do Grupo de Pesquisa dos Estudos Culturais e do Centro de Estudos Afrodescendentes da Universidade Javeriana (Bogotá-Colômbia). A produção cultural do autor está situada nas seguintes áreas de pesquisa: teoria social contemporânea, antropologias do mundo, estudos culturais, políticas de representação e articulações étnico-raciais⁴.

Neste seu último livro, Eduardo Restrepo convida-nos a retornar ao pensamento clássico para compreender os novos debates que animam o pensamento antropológico na contemporaneidade. O autor salienta que a revisão da noção de “escolas clássicas” expõe um processo político-disciplinador que leva a Antropologia a repensar as relações do poder que a constituem. Restrepo, em entrevista sobre o assunto, enfatiza que a atitude de “lembrar ou

¹ (1 ed.) Cuzco: Impresiones Gráficas Meta Color S.R.L., 2016, 83 páginas.

² Doutoranda em sociologia pelo PPGS (Programa de Pós-Graduação em Sociologia), UFPE. Bolsista do Programa Estudantes-Convênio de Pós-Graduação – PEC-PG, da CAPES/CNPq – Brasil. Socióloga da Universidade Nacional da Colômbia. Endereço eletrônico: danachabe@yahoo.com

³ Site oficial da rede: <http://www.ram-wan.net/>

⁴ Dentre suas várias publicações destacamos: *Intervenciones en Teoría Cultural* (2012), *Antropología y Estudios Culturales: Disputas y Confluencias desde la Periferia* (2012), *Inflexión Decolonial: Fuentes, Categorías y Cuestionamientos* (2010)

* Recebido em: 03 Jul. 2016. Aceito em: 16 Set. 2016.

esquecer” de autores ou escolas do pensamento social representa ação política de consentimento mobilizada pela: “produção de sujeito, disputas no terreno do imaginário e das práticas do sistema mundo da antropologia” (PEÑA; BUENAVENTURA, 2008, p. 294).

Numa espécie de autoanálise ele considera o seu texto “apenas uma apreciação panorâmica de algumas escolas clássicas” (p.6). Tal iniciativa vai além. A análise crítica dos paradigmas antropológicos é fundamental para profissionais, estudiosos e interessados nessa área do conhecimento. O livro constitui uma ferramenta reflexiva de valor seminal na medida em que apresenta de forma clara e direta os pontos centrais das escolas do pensamento antropológico. O texto aponta as principais questões que os pensadores sociais tiveram que se debruçar para formular conceitos e teorias inspirados na perspectiva antropológica.

A obra apresenta quatro capítulos. Um: Escolas de Finais do Século XIX e Primeira Metade do Século XX. Dois: Escolas Estadunidenses desde os Anos Quarenta até os Anos Sessenta. Três: Escolas Francesas da Metade do Século XX. Quatro: Antropologia Crítica Latino-Americana e Interpretativismo entre os Anos Setenta e os Anos Oitenta.

No primeiro capítulo, o autor estuda os temas clássicos do evolucionismo e do difusionismo. Ele aborda as disputas epistemológicas entre essas duas escolas. Examina-se o particularismo histórico defendido por Franz Boas. Por fim, realiza-se uma análise funcional nos anos 1930 que identifica o processo de institucionalização da antropologia no mundo acadêmico diferenciando-a de outras disciplinas da época como a sociologia, por exemplo.

No segundo capítulo, Restrepo analisa o neoevolucionismo cultural que surgiu no início do século XX. O autor enfatiza a contribuição dos estudos de Leslie White no processo de revitalização da escola evolucionista. A análise destaca o papel da ecologia cultural, pois na “relação entre cultura e o ambiente natural é histórica” (p. 43). O colombiano ressalta as contribuições de Marvin Harris a partir do materialismo cultural que dialoga com pesquisadores defensores da perspectiva cultural mobilizada por White.

Já no terceiro capítulo, o autor revisa as escolas francesas da metade do século XX, ressalta a contribuição de Claude Lévi-Strauss ao afirmar que “o estruturalismo se encontra associado a um dos antropólogos mais conhecidos dentro e fora da Antropologia” (p. 49). Destaca a influência do pensamento marxista nas obras de Lévi-Strauss e Althusser.

No quarto capítulo identificamos a maior contribuição desta obra para as Ciências Sociais. Restrepo defende a emergência da antropologia crítica latino-americana, a qual surge

de diferentes correntes epistemológicas e assume protagonismo na perspectiva crítica das antropologias do mundo. Por fim, o livro empreende uma análise interpretativista de *A interpretação das culturas* (1989) do autor *Clifford Geertz*. Para Restrepo este estudioso promove um giro epistemológico importante ao “fraturar” as concepções “mentalistas e psicologistas” da noção de cultura. Lembra que “muito do que estamos discutindo e pensando hoje surgiu num diálogo crítico e numa apropriação de enfoques de autores do passado que nem todas as vezes é explícito” (p.6).

A partir dos dados apresentados é possível perceber a originalidade de Eduardo Restrepo nesta obra, na medida em que faz uma (re)leitura da teoria antropológica clássica com intuito de recusar a compreensão holística que anula a diversidade e singularidade do cenário cultural global.

Dessa forma, ao perceber o tema da singularidade no pensamento antropológico como reação ao saber globalizante que cinde no humano suas raízes sócio-culturais em prol de uma antropologia totalizante Restrepo contribui para reforçar as críticas ao pensamento utilitarista predominante. De fato, o livro dialoga com pensadores que rejeitam a colonialidade como um exercício de poder hegemônico típico da modernidade. Nesse sentido registra-se o surgimento das fronteiras disciplinares nas ciências sociais a partir do século XIX. A perspectiva local e anti-colonial latino-americana recusa essa forma eurocêntrica e colonialista de fragmentação do conhecimento (Walsh, Schiwy y Castro Gómez, 2002).

A crítica ao tema da dispersão internacional do saber é mobilizada por Restrepo quando ele configura uma proposta coerente com o projeto político de ressignificação do modelo hierárquico identificado nas escolas antropológicas. O esforço de desconstrução realizado pelo pesquisador e fundador da Rede de Antropologias do Mundo tem por meta: “descentrar, re-historizar e pluralizar a compreensão hierárquica da Antropologia” (RIBEIRO et al., 2009, p. 32). Tal empreendimento ético-epistemológico promove, dentre outras coisas, uma aproximação com a crítica descolonial ampliando a reação antiutilitarista em curso nas ciências sociais. Esse fato ganha maior relevância quando observamos a construção do debate crítico que se impõe contra a cultura hegemônica e que busca limitar os regimes de valor do conhecimento a mero provincialismo metropolitano ou cosmopolitismo provincial.

Esta interpretação original guarda afinidade com as pesquisas preocupadas com questões morais, com a ética e com a formação de um pensamento potente capaz de enfrentar

o utilitarismo emergente na América Latina. Há que se ressaltar a convergência de suas ideias com as propostas anti-utilitaristas de Caillé (1993; 2013) e Martins (2012), entre outros na medida em que busca revisar as lógicas de poder prevalentes no campo das ciências sociais. Essa impressão é ratificada pela postura de Restrepo em construir um olhar radical sobre as especificidades do pensamento antropológico e a relação desse com as estruturas de poder inerente ao conhecimento científico.

Outra questão relevante no livro é a apresentação da *Antropologia crítica latino-americana militante* como recurso que apoia os “antropólogos que optaram pelo desenvolvimento de prática militante alheia aos protocolos dos espaços acadêmicos” (p. 64), em particular “práticas solidárias nas lutas dos setores marginalizados como as populações indígenas” (p. 65). Assim, a obra sugere que a ação do cientista social deve promover a “antropologização na antropologia” (p. 66). Nesse aspecto visualizamos a preocupação ético-político-cultural do autor com as questões mobilizadas em defesa da postura político-solidário-associativa, pois ao defender práticas militantes e humanistas Restrepo ativa nos antropólogos compromisso moral e formativo a fim de construir atitude crítica ao projeto utilitarista dominante.

O livro, para concluir, constitui uma proposta de situar os marcos de uma antropologia crítica latino-americana que aborda e expõe as disputas de poder travadas nas escolas antropológicas clássicas. A obra demonstra a importância do cientista social de atuar politicamente na construção de preceitos morais a fim de preservar a singularidade das ideias construídas pela autonomia de pensadores que não seguiram um modelo de pensamento pré-estabelecido. Restrepo configura articulações entre as teorias clássicas e os pensamentos emergentes a fim de ressignificar modelos analíticos do mundo social vigente. Enfim, a obra analisada deve ser lida como instigante exercício reflexivo de compreender com maior propriedade as especificidades de uma reflexão radical sobre a maneira “clássica” de normalizar o olhar antropológico na construção social da realidade Latino-americana.

Referências

CAILLÉ, A. **A demissão dos intelectuais**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

MARTINS, P. H. **La decolonialidad de América Latina y la heteretopía de una comunidad de destino solidaria**. Buenos Aires: Ediciones CICCUS, 2012.

CAILLÉ et al. **Manifesto convivialista**. Declaração de interdependência. São Paulo: Annablume, 2013.

PEÑA, I. V; BUENAVENTURA, E. J. Trayectoria y problemáticas de la antropología en Colombia. Entrevista a Eduardo Restrepo. **Revista CS**, n. 2, p. 287-305, 2008.

RIBEIRO, G. L; ESCOBAR, A; BARRAGÁN, C. A; RESTREPO, E. (2009). **Antropologías del mundo**: transformaciones disciplinarias dentro de sistemas de poder. Mexico: Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, 2009.

RESTREPO, E. **Etnización de la negritud**: la invención de las ‘comunidades negras’ como grupo étnico en Colombia. Popayán: Editorial de la Universidad del Cauca, 2013.

RESTREPO, E; WALSH, C; VICH, V. (Eds.) **Sin garantías**: trayectorias y problemáticas en estudios culturales. Stuart Hall. Bogotá-Lima-Quito: Envion Editores-Instituto Pensar-IEP-Universidad Andina. 2010.

WALSH, C; SCHIWY, F; CASTRO-GÓMEZ, S. (Comp.) **Indisciplinar las ciencias sociales**, Quito: Abya Yala, 2002.